# O processo de desparadoxalização como fenômeno coesivo

*Giorgio Christopulos*[1]

*Tradução de Lauro Gomes*[2]

## *Resumo*

Este artigo, tanto no conteúdo quanto na sua forma, segue a análise apresentada – sob o título Relier par un paradoxe – no 8ème Congrès Mondial de Linguistique Française (Orléans, 4-8 de julho de 2022). A intenção deste trabalho, que se tornou um capítulo importante de nossa tese de doutoramento, era dupla: por um lado, mostrar que o processo de desparadoxalização é coeso, na medida em que exige – a fim de compreender linguisticamente o paradoxo – que vários elementos textuais, de outro modo separados, sejam reunidos num todo; por outro lado, trata-se de provar que o paradoxo, longe de ser algo que se opõe à doxa, é, em realidade, um prolongamento da doxa. Nenhum pormenor foi alterado na análise do texto que se encontra neste trabalho. Por outro lado, o artigo que aqui apresentamos dá-nos a oportunidade de voltar mais detalhadamente a uma das grandes questões da nossa reflexão: as consequências textuais do paradoxo (e, da mesma forma, do processo de desparadoxalização). Encontrar-se-á esta nova seção no final deste artigo **(j) As consequências textuais do paradoxo. Novamente**. Mas, por hora, deixemos que a análise fale por si.

*Palavras-chave*: Paradoxo. Desparadoxalização. Coesão

Data de submissão: jan. 2025 – Data de aceite: jan. 2025

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i1.16602

[1] Doutor em Linguística pela EHESS – Paris. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9931-0540

[2] Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CNPq). Realizou estágio de doutorado (modalidade: sanduíche - PDSE/CAPES - 2018/2019) no Centre de Recherches sur les Arts et le Langage (CRAL), da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), sob orientação da Directrice détudes Marion Carel. Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (CAPES). E-mail: lauro.gomes@furg.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1302-2693

## a) Paradoxo e estrutura do texto. Introdução

O objetivo deste artigo é reconsiderar a noção de paradoxo. Para tanto, começaremos por recordar as descrições tradicionais desse fenômeno – veremos que os esforços dos linguistas se concentraram, sobretudo, na descrição da relação entre o conteúdo linguístico (explícito ou implícito): quer a) os conhecimentos enciclopédicos; quer b) as evidências perceptivas; ou c) as crenças sociais ou normas enraizadas.

Em seguida, mostraremos com o nosso exemplo – a longa primeira estrofe do poema *L'Expiation* de Victor Hugo (em anexo) – quais são as consequências textuais que um paradoxo produz. Por fim, explicaremos como, no interior deste poema, a presença do paradoxo também implica que o leitor é instruído a ir procurar, no restante do texto, os elementos que lhe permitirão desparadoxalizar o paradoxo e, ao fazê-lo, alcançar uma compreensão global que deverá necessariamente passar pelo sentido doxal.

Concluiremos, portanto, observando principalmente duas coisas. A primeira é que o processo de desparadoxalização é um formidável fator de coesão, isto é, uma maneira fina de reunir partes dispersas do texto – dos elementos aparentemente anedóticos ou banalmente descritivos, inclusive, que revelam ter, no âmbito deste importante processo coesivo, um papel hermenêutico fundamental.

A segunda é que a desparadoxalização é uma etapa necessária do percurso de compreensão, porque, como veremos detalhadamente, não há compreensão fora do sentido doxal. Finalmente, essas observações levar-nos-ão a uma nova e mais complexa descrição do paradoxo e da desparadoxalização como fenômenos linguísticos. Uma compreensão que nos obrigará a reconsiderar – e, em última análise, a refutar – uma ideia clássica, tradicionalmente associada à noção de paradoxo: a do seu poder de subversão. O paradoxo será descrito, então, não como oposto à doxa, mas como um prolongamento da doxa.

## b) Uma tentativa de ir em direção a uma nova abordagem do paradoxo

Da semântica à pragmática, passando pelas figuras de estilo e pela arte de *bem dizer*, o paradoxo nunca deixou de fascinar os linguistas, os filósofos, os estudiosos de estilística e, de um modo geral, os homens de letras. Apesar da confusão inevitável que esse interesse vivo e multifacetado pelo assunto criou, as diferentes abordagens adotaram, por sua vez, três pontos de vista principais[3]: o lexical[4], cuja unidade de referência é a palavra; o micro-textual, cujo domínio é o enunciado; e, por fim, o macro-textual, que observa o fenômeno espalhado por vários parágrafos ou capítulos, ou até mesmo ao logo

[3] Corminbœuf G., « Le paradoxe comme stratégie raisonnable », *Pratiques*, 165-166 (2015), p. 2.
[4] Cf., sobretudo, Carel M. et Ducrot O, « Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative », *Langue française*, 123 (1999), 6-26.

de um texto inteiro[5].

De nossa parte, no presente estudo, tentaremos observar e descrever esses três níveis em interação. Alargando o nosso estudo da longa primeira estrofe de *L'Expiation* na sua totalidade, tentaremos, portanto, ver como a presença de um paradoxo colocado na segunda frase (no sentido gramatical) do primeiro verso nos obriga, por um lado, a descer ao nível lexical (as palavras e o seu conteúdo semântico) e, por outro, a subir ao nível macro-textual para reunir diferentes porções dispersas ao longo da estrofe.

Antes de prosseguirmos, sejamos claros sobre um ponto essencial. Parece-nos essencial perguntarmo-nos, desde já, se estamos perante um fenômeno de coesão ou de coerência. Tratar-se-ia de *coesão* se a língua exigisse a eliminação do paradoxo (tal como a língua exige que se encontre o antecedente de um pronome, a língua impõe que se encontre a parte que elimina o paradoxo); caso contrário, tratar-se-ia de coerência (culturalmente, temos gosto pela não-contradição). Já estamos antecipando que a tese que vamos defender é a primeira: a da *coesão*.

A bem da verdade, uma tal abordagem já foi tentada, e não apenas uma vez. Uma das tentativas mais recentes é a de Gallard (2015), certamente, mas os literatos e historiadores já tinham tentado em várias ocasiões, especialmente em relação ao gênero do elogio paradoxal[6]. Como nossa contribuição poderá, então, conduzir-nos a uma descrição mais fina do paradoxo e da desparadoxalização como fenômenos linguísticos?

O estudo clássico de Dandrey sobre o elogio paradoxal, tal como o estudo mais recente de Gallard sobre o "estilo paradoxal" em *La Bruyère* e muitos outros, partilham todos a mesma ideia – repleta de consequências metodológicas –, de que o poder de coesão do paradoxo em relação ao texto em que aparece deriva e depende da repetição e/ou da enumeração. Ao longo do texto, tanto podemos repetir os dois semas opostos que constituem um mesmo paradoxo, como enumerar vários paradoxos diferentes. No primeiro caso, o paradoxo atua por via isotópica[7]; no segundo, por enumeração. Segundo Gallard, no caso do elogio paradoxal, procede-se "por paradoxos": o texto desenvolve-se de paradoxo em paradoxo, graças à passagem de um paradoxo a outro, com, eventualmente, também a repetição de alguns paradoxos já enunciados anteriormente, e depois retomados. Em ambos os casos, o paradoxo teria um poder coesivo sobre as diferentes partes do texto: no caso da isotopia, o texto formaria um todo, repetindo os dois semas opostos de um mesmo paradoxo, enquanto, no caso da enumeração, as diferentes partes de um texto manter-se-iam unidas graças à passagem de um paradoxo para outro, que deve ser vista como uma ligação e não como um salto.

[5] Gallard P-Y., « Du paradoxe au style paradoxal : l'exemple des *Caractères* de La Bruyère », *Pratiques* [En ligne], 165-166 (2015).
[6] Cf. Dandrey P., : *L'éloge paradoxal de Gorgias à Molière*. PUF, 1997.
[7] Inicialmente: Greimas A. J., *Sémantique structurale : recherche de méthode*, Larousse, 1966 ; em seguida: Rastier F., *Sémantique interprétative*, PUF, 2009, (3ème éd.).

Mas, diferentemente de todas as pesquisas que acabamos de mencionar, a nossa visa a analisar o paradoxo não nos termos de sua permanência, mas, pelo contrário, do seu desaparecimento. O que nos interessa, aqui, não é o fato de passar de um paradoxo para outro, nem a ação de repetir ao longo do texto os mesmos semas opostos de um mesmo paradoxo. O poder coesivo do paradoxo interessa-nos, sobretudo, pela sua capacidade de reunir numerosos elementos do texto: pedaços de texto que, em conjunto, desparadoxalizam o paradoxo em vista de sua compreensão. Essa é a novidade que este estudo pretende trazer. É o canto do cisne do paradoxo que queremos escutar, e fazer compreender, aqui; a canção que o paradoxo canta no preciso momento em que, ao aparecer, começa a desaparecer em favor de uma compreensão que só pode ser doxal. Tal como o leitor em busca de sentido, este trabalho seguirá o percurso que o próprio paradoxo nos instrui a percorrer em vista de sua desparadoxalização. Um caminho que nos conduzirá de novo a essa doxa, da qual o paradoxo é – como veremos – não uma ruptura, mas um prolongamento.

## c) Revisão das abordagens tradicionais do paradoxo

Antes de passarmos à apresentação dos nossos próprios instrumentos metodológicos, um exame sintético das principais abordagens tradicionais do problema do paradoxo nos mostrará a perspectiva a partir da qual se desenvolveu a reflexão sobre o problema.

Ao longo dos séculos, na dialética e na lógica, as duas definições de paradoxo mais utilizadas pelos filósofos têm sido, grosso modo, as seguintes: a) “uma proposição (ou conjunto de proposições) que exprime uma contradição lógica”; b) “um raciocínio que, embora formalmente correto, conduz a um absurdo”.

Ora, por volta do século VI a.C., ou seja, na época em que essas duas definições apareciam frequentemente nos escritos, o paradoxo era, para os gregos antigos, um fenômeno a encarar com desconfiança. Como a) “uma proposição (ou conjunto de proposições) que exprime uma contradição lógica”, o paradoxo representava uma ameaça mortal a essa “identidade” (ταὐτότης) que era o fundamento de toda a ontologia[8]. Como b) “raciocínio que, embora formalmente correto, resulta num absurdo”, o paradoxo constituía um enorme perigo para os valores que os gregos mais prezavam: o σοφία (grosso modo: “saber”) e a ἀλήθεια (grosso modo: “verdade”[9] ). Contudo, ao ouvir essas duas definições, damo-nos conta rapidamente do caminho já percorrido pela noção de paradoxo (que, aliás, na época, também era frequentemente designada por “antonímia”). No século VI a.C., o

[8] Cf., a esse respeito, os trabalhos de Severino E. mencionados nas referências bibliográficas.
[9] Cf., novamente, os trabalhos clássicos de Severino E., assim como o de Cacciari M. (em particular : *Dell'Inizio*, Adelphi, 1990.

παράδοξος (de παρά, “contra”, e δοξα, “opinião, crença”) pode ser visto como uma ameaça apenas porque o δοξα já tinha perdido toda a credibilidade em Atenas: o δοξα já não é uma “opinião partilhada por todos os membros de uma sociedade”. Nem é simplesmente uma “opinião”: o δοξα é agora uma “opinião falaciosa”, ou mesmo um “preconceito”: o que se opõe, portanto, ao λόγος, ao discurso racional que conduz à verdade.

Curiosamente – e daí o sentido deste pequeno desvio filosófico-etimológico –, no momento em que os linguistas recuperam a noção de paradoxo, essa recuperação tomou de empréstimo o sentido expresso pela etimologia original, a saber, o παράδοξος como “aquilo que se opõe à opinião comum”, no sentido de “partilhado por todos os membros de uma sociedade” e “inveterado pelo emprego generalizado”. É certo que, durante a Idade Média, a escolástica aristotélica continuou a considerar um paradoxo como a) “uma proposição (ou conjunto de proposições) que exprime uma contradição lógica”, ou b) “um raciocínio que, embora formalmente correto, conduz a um absurdo”. Foi esta a abordagem adotada pelos logicistas na época de Port Royal, no *Grand Siècle*. Mas grande parte da linguística contemporânea, ao descrever o fenômeno do paradoxo, parte da ideia de que um paradoxo é “aquilo que se opõe à opinião comum”. A título de exemplo, citemos agora – de forma breve e sem pretendermos ser exaustivos – algumas das muitas posições que exprimem essa ideia.

Alexandrescu[10], aluno de Ducrot, qualifica o paradoxo de “discurso à margem da doxa e contra ela”.

Rastier afirma que o paradoxo é uma forma de “reelaborar[11]” as “estruturas lexicais consideradas ordinárias e as axiologias que lhes estão subjacentes. Essas estruturas parecem ser codificadas pela língua, ou, pelo menos, são codificadas por normas sociais inveteradas”. A posição de Rastier se caracteriza por sua novidade : ao contrário das abordagens mais estritamente filosóficas, tem o mérito de insistir na estrutura linguística. Sentimo-nos bastante próximos dessa visão, na medida em que concebemos o paradoxo como uma relação de palavras que efetivamente remodela uma estrutura, em vez de exprimir algo contrário ao que é habitualmente dito.

A partir da retórica, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958) defendem que o paradoxo vai contra esse princípio de não-contradição argumentativa que, na sua visão, é um elemento essencial da doxa comunicativa.

Na perspetiva de Grice (1969, 1975), o paradoxo é contrário ao princípio da economia na linguagem e pode, em certas condições, ser contrário ao princípio da cooperação comunicativa.

Se nos cingirmos às hipóteses de Sperber e Wilson (1989, 2004), o paradoxo poria,

[10] Alexandrescu V., *Le paradoxe chez Blaise Pascal*, Peter Lang, 1997, p. 3.
[11] Rastier F., « Chamfort : le sens du paradoxe » in Landheer R. et Smith P. J. (dir.), *Le Paradoxe en linguistique et en littérature*, Droz, 1996, p. 119.

então, em causa o esforço de cooperação e poderia, muitas vezes, parecer ter pouca ou nenhuma relevância numa troca.

Em suma, todas as abordagens acima mencionadas consideram que o paradoxo se refere (por oposição, subversão ou outros tipos de reformulação) a uma doxa socialmente existente. Dito de outro modo, mesmo quando expressas pela língua, as formas doxais têm sempre sua origem no nível das crenças e práticas – ou mesmo das normas – sociais. Mas, se o paradoxo nasce, como acabamos de ver, de uma certa relação (nem que seja por oposição) com a doxa, então também ele é sempre, por genealogia, uma forma social. Para todos esses autores (com a única exceção de Alexandrescu), o paradoxo pode, certamente, exprimir-se *na* língua e *pela* língua; mas a sua origem permanece, como no caso da doxa, uma origem social. O nosso objetivo, agora, é desprendermo-nos da ideia da origem social do paradoxo. Se o nosso esforço for bem-sucedido, a ideia do poder de subversão que tradicionalmente associamos ao paradoxo aparecerá, no final da leitura, em desuso.

## d) Instrumentos metodológicos e nova definição do problema

Vejamos agora como a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) aborda a questão do paradoxo. Apesar de não ser insensível ao poder explicativo de outras abordagens ao problema do paradoxo, a TBS coloca, entretanto, a hipótese de que a doxalidade e a paradoxalidade são dois fenômenos puramente linguísticos. Como definir, agora, essa doxalidade puramente linguística? Uma primeira resposta – grosseira, para ser aperfeiçoada – é a seguinte: um conteúdo semântico é doxal se for lexicalizado (ou seja, se pertence à significação de uma palavra).

Tomemos o traço semântico (ou "esquema"): PERIGO DC NEG FAZER, (que a TBS também exprime na forma *não-faz-por-causa-do-perigo*). Esse esquema pertence, com o esquema: PERIGO PT FAZER (também registado como *faz-apaesar-do-perigo*), à significação da palavra *perigo*. Nesses casos, a TBS combina os dois aspectos com uma notação técnica que se apresenta como : PERIGO(NEG FAZER), notação que qualifica de "quase-bloco semântico". Um quasi-bloco semântico desse tipo representa argumentativamente a própria alternativa entre os dois esquemas – o que significa simplesmente que, a partir da palavra *perigo*, podemos, no discurso, argumentar tanto num sentido (*não-faz-por-causa-do-perigo*) como no outro (*faz-apesar-do-perigo*): a própria língua oferece essa alternativa. O quase-bloco PERIGO(NEG FAZER) é linguisticamente doxal porque é lexicalizado (ou seja, está contido na significação de uma palavra – neste caso, a palavra *perigo*).

Assim, por hereditariedade, a TBS qualifica como doxais os dois esquemas PERIGO DC NEG FAZER e PERIGO PT FAZER. Tal como os encadeamentos que, em discurso ou

em um texto, concretizarão esses dois esquemas, por exemplo: “Isso era perigoso, portanto ele não o fez” e: “Isso era perigoso, no entanto ele o fez”. É, portanto, por herança, a partir da noção de quase-bloco, que a TBS estende o conceito de doxalidade aos esquemas e às concretizações em discurso ou em texto, que são os encadeamentos.

A mesma lógica e abordagem devem ser aplicadas ao quase-bloco: NEG PERIGO(FAZER). Esse quase-bloco é também doxal, porque está inscrito na significação da palavra *perigo*. Os dois aspectos são, portanto, doxais: NEG PERIGO DC FAZER e: NEG PERIGO PT NEG FAZER, tal como os encadeamentos: “Isso não era perigoso, portanto ele o fez” e : “Isso não era perigoso, no entanto ele não o fez”. A TBS exprime graficamente o que acabamos de descrever da seguinte forma:

**Quadrado de transposição**

| | |
|---|---|
| PERIGO PT FAZER<br><br>*corajoso* | NEG PERIGO PT NEG FAZER<br><br>*covarde* |
| PERIGO DC NEG FAZER<br><br>*não corajoso* | NEG PERIGO DC FAZER<br><br>*não covarde* |

Em relação aos conceitos de lexicalização e hereditariedade, um esclarecimento é importante. No seu artigo “La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure” (2006)[12], Ducrot mostra que associar uma palavra, como *prudente*, a um aspeto, digamos: PERIGO DC PRECAUÇÃO, é, em última análise, colocar a palavra *prudente* em relação com as palavras *perigo* e *precaução*, e ver, nesta relação, a própria significação – ou, pelo menos, uma parte da significação – de *prudente*. Do mesmo modo, associar *prudente* ao quase-bloco PRUDENTE(SEGURANÇA) é colocar em relação *prudente* e *segurança* e ver, nessa relação, uma parte da significação de *prudente*. Em seus trabalhos, Carel insiste quanto ao fato de que a TBS concebe a significação como uma rede entre palavras (também nessa perspectiva, a TBS permanece fiel a Saussure. Nisso, a TBS também é estruturalista).

E quanto à noção de paradoxalidade? Carel dá como exemplo o encadeamento: “Meu gato miou e, portanto, o disco parou”. O esquema concretizado por este encadeamento é: MIAR DC PARAR AS MÁQUINAS, que, por sua vez, especifica um quase-bloco: MIAR(PARAR AS MÁQUINAS). Este quase-bloco não está lexicalizado: nenhuma palavra da língua contém este elemento semântico em sua significação. Essa constatação é suficiente para definir MIAR(PARAR AS MÁQUINAS) – assim como, por hereditariedade, o aspeto que o especifica e o encadeamento que o concretiza – paradoxal?

[12] Nota do tradutor LG. Segue, aqui, a referência deste texto em português: DUCROT, Oswald. A semântica argumentativa pode filiar-se a Saussure ? Tradução : Lauro Gomes e Alessandra da Silveira Bez. *In*: CAVALCANTE, M. M. ; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação*: traduções. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 297-315.

A resposta que a TBS defende é “não”. Esse encadeamento não é certamente doxal, mas isso não quer dizer que é paradoxal. Então, como é que classificamos os encadeamentos não-doxais? A TBS fornece a essa pergunta uma resposta gramatical: um encadeamento argumentativo é paradoxal se a inversão de seu conetor der origem a um encadeamento argumentativo doxal. Os dois conectores utilizados pela TBS – que é uma teoria argumentativa – são *portanto* e *no entanto*, um encadeamento *x portanto y* é paradoxal se a inversão de sua conjunção conduzir a um encadeamento doxal do tipo *x no entanto y*. Este é o critério gramatical que a TBS utiliza para distinguir os encadeamentos paradoxais dos encadeamentos meramente contextuais, ou seja, encadeamentos que resultam do entrelaçamento das palavras no discurso ou no texto, como no exemplo anterior, *meu gato miou e, portanto, o disco parou*.

Mas há também um caso complexo: aquele em que há paradoxos que são lexicalizados. Como primeiro exemplo, tomemos a palavra *temerário*, que significa: PERIGO DC FAZER. Este aspeto, tal como o aspeto: PERIGO PT NEG FAZER, provém do quase-bloco: PERIGO(FAZER). O quase-bloco PERIGO(FAZER) não está na significação de *perigo*; de fato, opõe-se a ele. PERIGO(FAZER) é paradoxal e, por herança, também o são os aspectos PERIGO DC FAZER e PERIGO PT NEG FAZER, assim como os encadeamentos: “Era perigoso, portanto o fez” e “Era perigoso, no entanto não o fez”.

Contrariamente à regra geral – “o que está inscrito na significação das palavras é doxal” –, há certos casos, como o que acabamos de descrever, em que encontramos paradoxos inscritos na significação de certas palavras da língua.

Ora, os aspectos PERIGO DC FAZER e PERIGO PT NEG FAZER não pertencem ao quadrado de transposição que introduzimos, mas ao que a TBS designa por quadrado de inversão:

**Quadrado de inversão**

| | |
|---|---|
| PERIGO PT NEG FAZER<br><br>*não ter sido temerário* | PERIGO PT FAZER<br><br>*corajoso* |
| PERIGO DC FAZER<br><br>*temerário* | PERIGO DC NEG FAZER<br><br>*não corajoso* |

No quadrado de inversão, encontramos o paradoxo à esquerda e a doxa à direita. A relação de inversão partilha com a relação de transposição uma propriedade que nos interessa particularmente: a de gradualidade. Podemos, então, dizer: “Ele é corajoso e até temerário”, mas não podemos dizer: “Ele é temerário, e até corajoso”.

Na língua, há um outro caso célebre de palavras cuja significação contém um aspecto paradoxal, que é *masoquista*. Comecemos pela doxa linguística: tomemos o quase-bloco A FAZ SOFRER(NEG X FAZER A). Este quase-bloco pertence à significação da

palavra *sofrer*: é, portanto, doxal. Novamente por hereditariedade, os aspectos A FAZ SOFRER DC NEG X FAZER A e A FAZ SOFRER PT X FAZER A são doxais, assim como os encadeamentos que os concretizam, respetivamente: "Causa sofrimento, portanto não o faz" e "Causa sofrimento, no entanto o faz". O quase-bloco A FAZ SOFRER(X FAZ A), por outro lado, é paradoxal, assim como os aspectos: A FAZ SOFRER DC X FAZER A e A FAZ SOFRER PT NEG X FAZER A e os encadeamentos que os concretizam: "Causa sofrimento, portanto o faz" e "Causa sofrimento, no entanto não o faz". O quase-bloco A FAZ SOFRER(X FAZER A) não só não está inscrito na significação da palavra *sofrer*, como a ele se opõe. Os aspectos paradoxais A FAZ SOFRER DC X FAZER A e A FAZ SOFRER PT NEG X FAZER A são, no entanto, lexicalizados, pois estão inscritos, respetivamente, na significação da palavra *masoquista* e da expressão *não ter sido masoquista*. Eis um segundo caso, depois daquele do quase-bloco PERIGO(FAZER), em que – contrariamente à regra geral – a significação de certas palavras contém aspectos não doxais, mas paradoxais.

Mas, na definição do paradoxo, a TBS não se limita a este critério gramatical. Essa teoria também considera o paradoxo como tendo uma propriedade semântica própria, específica. Dado o papel conclusivo que este aspeto tem neste estudo, deixaremos a discussão desta propriedade semântica para a conclusão e passaremos à análise do texto – análise que nos levará ao cerne desse problema semântico. Uma das ideias a explorar neste estudo é a do poder de subversão do paradoxo. Como tivemos oportunidade de mostrar, ao longo da sua história, os teóricos associaram ao paradoxo o enorme poder de subverter, quer "o que é, e não *pode* ser de outro modo" – é o caso da metafísica (e mais detidamente da doutrina do ser: a ontologia) entre os gregos antigos e da lógica –, quer "o que é, e não *deveria* ser de outra forma" – é, aqui, o caso sociolinguístico (com o adjetivo "sociolinguístico", indicamos todas as abordagens que insistem nas noções de "crenças sociais partilhadas", "normas sociais inveteradas", "leis do discurso" que orientam, *a priori*, o discurso e as trocas entre interlocutores). Mas será que o paradoxo tem, de fato, esse efeito subversivo que a tradição lhe atribui desde o seu aparecimento (enquanto noção)? O paradoxo desafia, verdadeiramente, uma ordem estabelecida? Tem, efetivamente, essa propriedade de *subverter* – de colocar o mundo, e a língua que o expressa, de cabeça para baixo?

## e) "Fomos derrotados pela nossa conquista" é paradoxal?

Hugo coloca o paradoxo no primeiro verso: "Fomos derrotados pela nossa conquista". "Fomos derrotados pela nossa conquista" pode ser parafraseado pelo encadeamento: "Tínhamos conquistado, portanto estávamos derrotados". Essa encadeamento concretiza o aspeto: CONQUISTA DC NEG VITÓRIA. No entanto, o aspecto

CONQUISTA DC NEG VITÓRIA especifica um quase-bloco, CONQUISTA(NEG VITÓRIA), que não é lexicalizado. De acordo com os critérios da TBS expostos acima, o quase-bloco CONQUISTA(NEG VITÓRIA), não sendo lexicalizado, não é doxal. Consequentemente, por hereditariedade, o encadeamento "Tínhamos conquistado, portanto estávamos derrotados" também não o é. O mesmo acontece com os aspectos CONQUISTA DC NEG VITÓRIA e CONQUISTA PT NEG VITÓRIA, prefigurados pelo quase-bloco CONQUISTA(NEG VITÓRIA): não são doxais.

Mas o fato de o quase-bloco CONQUISTA(NEG VITÓRIA), o aspeto CONQUISTA DC NEG VITÓRIA – que o especifica – e o encadeamento *Tínhamos conquistado, portanto estávamos derrotados* que o concretiza não serem doxais não é suficiente para mostrar que o quase-bloco CONQUISTA(NEG VITÓRIA) é *automaticamente* paradoxal. Para ser paradoxal, este quase-bloco teria de ser o oposto de um quase-bloco doxal. Será este o caso?

Ora, no capítulo anterior, afirmamos, com a TBS, que um "encadeamento argumentativo é paradoxal se a inversão de seu conector der lugar a um encadeamento argumentativo doxal". Uma vez que os dois conectores utilizados pela TBS são *portanto* e *no entanto*, um encadeamento *x portanto y* é paradoxal se a inversão de sua conjunção conduz a um encadeamento doxal do tipo *x no entanto y*".

No encadeamento que estamos observando – *Tínhamos conquistado, portanto estávamos derrotados* –, se invertermos o conetor, o que resulta é o encadeamento: "Tínhamos conquistado, no entanto fomos derrotados", que concretiza o aspecto: CONQUISTA PT NEG VITÓRIA. Este aspecto especifica o quase-bloco: CONQUISTA(VITÓRIA).

O quase-bloco CONQUISTA(NEG VITÓRIA) assume, assim, a posição oposta ao quase-bloco CONQUISTA(VITÓRIA): será um quase-bloco doxal, de modo que CONQUISTA(NEG VITÓRIA) possa finalmente ser qualificado como paradoxal?

O quase-bloco CONQUISTA(VITÓRIA) prefigura os dois aspectos argumentativos CONQUISTA PT NEG VITÓRIA e CONQUISTA DC VITÓRIA. O primeiro desses dois aspectos, CONQUISTA DC VITÓRIA, é concretizado pelo encadeamento: "Tínhamos conquistado, portanto tínhamos vencido". O outro aspecto, CONQUISTA PT NEG VITÓRIA, é concretizado por este segundo encadeamento: "Tínhamos conquistado, no entanto não tínhamos vencido". Os aspectos argumentativos CONQUISTA DC VITÓRIA e CONQUISTA PT NEG VITÓRIA são lexicalizados. Ambos pertencem à significação da palavra *conquista*. A significação de *conquista* não contém um *ou* outro: apresenta a alternativa entre um *e* outro, porque é possível argumentar tanto *Tínhamos conquistado, portanto tínhamos vencido* quanto *Tínhamos conquistado, no entanto não tínhamos vencido*. Somente o discurso ou o texto mostrarão qual dos dois aspectos será concretizado. Assim, a partir da

palavra *conquista*, podemos afirmar: “Ao fim da tarde, as últimas posições inimigas tinham sido conquistadas pelos nossos soldados: a guerra tinha finalmente terminado, éramos os vencedores”; mas também: “Ao fim da tarde, as últimas posições inimigas tinham sido conquistadas pelos nossos soldados. No entanto, ninguém tinha ganho: nessa altura, a guerra estava apenas começando”.

Notar-se-á, igualmente, que a locução *em vão*, associada a *conquistar*, por si só, deixa claro que não houve vitória – enquanto associada a perguntar indica que não houve resposta: mais uma prova do vínculo linguístico que conquistar mantém com vitória.

O quase-bloco CONQUISTA(VITÓRIA) pertence, portanto, à significação de *conquista*: este quase-bloco está bem lexicalizado; e, portanto, de acordo com a TBS, é doxal. O que nos permite dizer agora que o quase-bloco CONQUISTA (NEG VITÓRIA), seu complementar dentro de um quadrado de inversão, é paradoxal.

**Quadrado de inversão**

| | | |
|---|---|---|
| CONQUISTAR DC SER DERROTADO | | CONQUISTAR DC SER DERROTADO |
| **Inversos** | Conversos | **Inversos** |
| CONQUISTAR PT SER DERROTADO | | CONQUISTAR PT NEG SER DERROTADO |

Em seguida, como no caso da doxalidade, é por hereditariedade que os aspectos e os encadeamentos são paradoxais: os aspectos CONQUISTAR DC NEG VITÓRIA e CONQUISTAR PT VITÓRIA, prefigurados pelo quase-bloco paradoxal CONQUISTAR(NEG VITÓRIA) são, então, por sua vez, paradoxais; o mesmo discurso se aplica ao encadeamento *Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados* (que parafraseia o verso *Fomos derrotados pela nossa conquista*).

## f) Nossa leitura do verso “Fomos derrotados pela nossa conquista”. Principais questões levantadas pelos colegas

Antes de continuar, esclareçamos alguns aspectos relativos ao plano poético e seus tropos. A natureza do paradoxo – e, portanto, do processo de desparadoxalização – pode ser melhor compreendida se compararmos esta figura com as do oxímoro e da metáfora. Em seu *Dicionário de Retórica e Poética* (5ª ed. 1998), Morier define o oxímoro como sendo a junção de “duas palavras contraditórias, uma parecendo excluir logicamente a outra”; em *As figuras do discurso* (última reimpressão em 2009), Fontanier prefere chamá-lo de “paradoxismo”, e fala de combinação de “ideias ou [...] palavras normalmente opostas e contraditórias”. Linguisticamente, o oxímoro é, portanto, uma combinação de palavras

(geralmente um substantivo e um adjetivo) que expressam dois ou mais semas opostos. Do ponto de vista do seu funcionamento, um dos dois termos (geralmente o adjetivo) intervém no outro, retirando de sua significação um ou mais de seus traços. Em: *uma livre servidão*, por exemplo, o adjetivo *livre* retira o traço /restrição/ da significação de *servidão* (no sentido de /forçado/, /não escolhido/) para dizer que optamos por esta condição por nossa própria liberdade; ou ainda, no caso de *um silêncio eloquente*, o adjetivo *eloquente* intervém na significação de *silêncio*, removendo o traço /sem comunicação/: um *silêncio eloquente* é, portanto, um silêncio que expressa bem alguma coisa.

No caso da metáfora, por outro lado, associamos a um dos dois termos um (ou vários) traço(s) emprestado(s) da significação do outro: no caso de: *Pedro é um leão*, descrevemos Pedro como *corajoso* ao tomar emprestado um de seus traços da significação da palavra *leão*: o traço /corajoso/.

No caso do paradoxo, por outro lado, não se trata de remover ou de emprestar traços. O paradoxo joga com a forma como os termos estão vinculados: a conexão é feita por meio de um conector e não afeta a significação dos termos vinculados. A característica inesperada do paradoxo – e, portanto, o seu poder de questionamento – não advém dos dois termos, mas da maneira como estão ligados. É o conector que nos permite ter a visão oposta do sentido doxal. No caso de Hugo, *Tínhamos conquistado, no entanto fomos derrotados*, teria sido perfeitamente doxal; é a inversão do conector (*Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*) que estabelece o paradoxo. Mas sobretudo, como veremos, do ponto de vista da linguística do texto, o paradoxo tem – graças ao processo de desparadoxalização – um escopo coesivo muito maior do que o do oxímoro ou da metáfora.

Afirmamos que o verso *Fomos derrotados pela nossa conquista* pode ser parafraseado pelo encadeamento: *Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*, e que este encadeamento é paradoxal. Sobre este ponto essencial, surgem três questões principais.

A primeira é a seguinte: "O enunciado *Fomos derrotados pela nossa conquista* realmente é parafraseado por *Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*"?

A segunda, por sua vez, é assim expressa: "Em relação ao exemplo tratado, o termo *conquista* pode significar tanto uma ação quanto o resultado da ação. Se a primeira acepção for ativada, o paradoxo tende a desaparecer no texto de Hugo. Consideremos, por exemplo, o enunciado: *A conquista foi um desastre*. Este enunciado não é, de forma alguma, problemático ou paradoxal. Em termos de método, parece, portanto, que foi feita uma interpretação e que a TBS vem, depois, dar-lhe forma". Mesmo que os dois pontos levantados sejam de natureza diferente – o primeiro questiona, de fato, a presença do conector *portanto*, enquanto o segundo questiona o que realmente se entende por *conquista* – tentaremos responder a ambas as questões ao mesmo tempo.

A terceira, enfim, – visando a distinguir a causalidade da ação – é apresentada da seguinte forma: “Neste caso de via passiva, o tratamento de *por* deve privilegiar a causalidade ou a agentividade”?

Vamos começar respondendo aos dois primeiros pontos. O verso de Hugo conecta *conquista* e *ser conquistado* pela preposição *por*. Quanto à palavra *conquista*, um enunciado como “A conquista foi um desastre” não é, efetivamente, de forma alguma, problemática ou paradoxal. Mas o verso de Hugo não pretende dizer, simplesmente, que a conquista foi um desastre; seu verso nos obriga, por sua natureza gramatical e sua construção sintática, a conectar *conquista* e *derrota*. É a *conquista* e o *ser derrotado* que devem estar ligados, e Hugo os conecta por um *por* que, no nível argumentativo, deve ser parafraseado por um *portanto*. Aqui está a hipótese que é mais importante para nós; aquela que tentaremos defender. Se um enunciado como “A conquista foi um desastre” não constitui, de fato, qualquer problema, a explicação do nexo causal que liga, no verso de Hugo, *Conquistamos* e *Fomos derrotados* exige, por outro lado, uma tentativa de análise mais radical (porque é realmente uma questão de conectar *conquistamos* e *fomos derrotados*). Hugo conecta *conquistamos* e *fomos derrotados* não por um conector do tipo de *no entanto* – o que tornaria o verso perfeitamente doxal –, mas por um *portanto*. Nossa hipótese, aqui, é que o verso *Fomos derrotados pela nossa conquista* expressa a): “Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados”, e não b): “Tínhamos conquistado, no entanto fomos derrotados”. Se o verso de Hugo expressasse b), não haveria mais paradoxo. Consequentemente, o poema não teria mais a mesma estrutura porque, na ausência do paradoxo, o texto não poderia mais ser construído em relação ao processo de desparadoxalização. Porém, o que tentamos mostrar neste trabalho é que Hugo utiliza o processo de desparadoxalização para dar estrutura ao texto. Afinal, o que Hugo quer não é afirmar que: “Fomos derrotados apesar da nossa conquista”, o que seria bastante banal. O verso ao qual o poeta quer levar o leitor é uma conclusão do tipo: “Fomos longe demais”. A reflexão de Hugo é, portanto, muito mais complexa e significativa. Para isso, Hugo constrói seu texto como uma longa desparadoxalização com papel coesivo. O processo de desparadoxalização tem, portanto, um duplo impacto: semântico, na medida em que especifica o sentido do primeiro verso, e estrutural, porque dá forma ao texto e permite que várias partes textuais *formem um todo* coeso (graças ao seu poder de agrupamento).

Como resultado, em relação ao problema da distinção entre agentividade e causalidade, parece-nos que ambas as leituras são possíveis; mas, em vez de decidir entre uma leitura a) que enfatiza o papel desencadeador do ator e o caráter intencional da ação descrita e uma leitura b) que enfatiza a natureza causal da ligação entre os dois eventos em questão (a conquista sendo apresentada como a causa da derrota), nossa principal preocupação é fazer com que, argumentativamente, o conector *portanto* seja escutado.

Embora mantendo a preferência por uma leitura de tipo causal, aos nossos olhos é sobretudo interpretando *por* por *portanto* que a força paradoxal do verso de Hugo aparece em toda a sua extensão. É em torno deste *portanto* que se concentrarão os nossos esforços.

## g) As consequências textuais do paradoxo. O processo de desparadoxalização

Debrucemo-nos, agora, sobre o papel textual do paradoxo *Fomos derrotados pela nossa conquista*. Comecemos com uma observação de natureza, por assim dizer, "topográfica". O primeiro verso é composto por duas frases no sentido gramatical. O verso inicial do poema certamente introduz o paradoxo *Fomos derrotados pela nossa conquista*, mas também contém: "Estava nevando". *Estava nevando* antes de *fomos derrotados pela nossa conquista*; e é com esta frase – *Estava nevando* – que Hugo abre verdadeiramente o seu poema e o seu primeiro verso. Assim, ao nível da unidade textual, é necessário ter em conta não só o paradoxo *Fomos derrotados pela nossa conquista*, mas também *Estava nevando*: "Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista".

Agora, digamos de imediato: separadamente, esses dois enunciados evocam – parece-nos – dois elementos de sentido distintos, mas que pretendem fundir-se para dar vida a um novo sentido construído textualmente. Esses dois elementos distintos são, por enquanto, o esquema CONQUISTA DC NEG VITÓRIA (que é o conteúdo semântico do segmento *Fomos derrotados pela nossa conquista*) e o traço semântico /frio/, evocado pelo segmento *Estava nevando*.

Continuemos. Perseguindo nossa identificação topográfica, fica constatado que *Estava nevando* retorna ao longo do texto – e sempre no início do verso: encontramos no verso 5: **5** *Estava nevando*. *O* ***inverno*** *rigoroso derretia numa* ***avalanche***./ **6** *Depois de uma* ***planície branca***, *outra* ***planície branca***. Então, no verso 10:**10** *Estava nevando*. *Os feridos abrigaram-se no ventre*/ **11** *Cavalos mortos; na soleira dos acampamentos desolados*/ **12** Vimos clarins **congelados** no seu poste,/ **13** *Permanecendo de pé, na sela e mudos,* ***brancos de geada***,/ **14** *Colando as* ***bocas de pedra*** *às trombetas de* ***cobre***. Por fim, no verso 18, em que aparece duas vezes, sendo a segunda reforçada pelo advérbio *sempre*: **18** Estava nevando, estava sempre nevando! *O* ***beijo frio***/ **19** ***Assobiou****; no* ***gelo***, *em lugares desconhecidos*,/ **20** *Não tínhamos pão e andávamos descalços*.

É sobre o frio. Colocamos em negrito as palavras que evocam, de uma forma ou de outra, esse elemento (/frio/). A repetição com duplicação de *Estava nevando* no verso 18, com acréscimo do advérbio *sempre*, enfatiza o caráter incessante. A neve nunca parou, e ainda não para de nevar: não há trégua para os soldados em marcha.

"Em marcha"; quer dizer "em fuga", porque estes soldados estão, de fato, tentando

escapar. *Eles estavam fugindo*, aqui está o que lemos no verso 33. Do que esses soldados estão fugindo? A resposta não está longe, apenas algumas linhas acima, no verso 30. Dois são seus inimigos, um muito mais preocupante que o outro: *Dois inimigos! o czar, o norte. O norte é pior*. Este segundo inimigo é tão assustador que cada um dos soldados em fuga faz a mesma pergunta – sombria – que encontramos no verso 29: – *Será que algum dia escaparemos deste império desastroso*?

Esta questão tem, para a maioria destes soldados, apenas uma resposta, a partir do momento em que *Quem se deitava, morria*. (v. 32); o que obriga o narrador a fazer um cálculo muito triste: *Dez mil adormeceram, cem acordaram*. (v. 39). Os outros, os poucos homens que ainda sabem andar, só veem passar diante dos seus olhos aquilo de que tentam escapar, ou seja, o norte e o seu frio: *Depois de uma planície branca, outra planície branca*. (v. 6).

Esses homens que estão fugindo já *foram*. *Chegaram* até mesmo a Moscou. Agora eles são forçados a *retornar*, seguindo seu líder: o imperador. Aprendemos, em seguida, no poema: **1** *Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista.*/ **2** *Pela primeira vez a águia abaixou a cabeça.*/ **3** *Dias sombrios*! *o imperador voltou lentamente*,/ **4** *Deixando Moscou fumegante em chamas atrás dele.*/

Depois de percorrer o texto seguindo o cortejo, voltamos ao início do texto, onde encontramos o paradoxo que nos interessa. Entender o primeiro verso – *Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista* – é remontar à origem dos males que afligiram estes homens em fuga. Se eles conquistaram, por que agora estão fugindo?

Visto que estes homens foram derrotados *pela nossa conquista*, comecemos com duas observações: uma relativa ao pronome pessoal *nós*[13], a outra relativa ao adjetivo possessivo *nossa*[14].

Em primeiro lugar, o pronome pessoal. Acabamos de dizer que "*esses homens* estão derrotados"... mas temos certeza de que o pronome pessoal *nós* se refere aos soldados? Gramaticalmente, *nós* poderia ser um "eu", e, portanto, indicar um Napoleão que fala na primeira pessoa; ou então um "tu" ou um "você" que indicaria novamente Napoleão, mas, desta vez, dentro de uma fala que é a de Deus, dirigindo-se ao imperador. Por que, então, interpretar o pronome, aqui, como sendo um "nós", referindo-se aos soldados? Antes de motivar esta escolha, será necessário, primeiro, descrever o elemento ao qual *fomos derrotados* está ligado, a saber, *nossa conquista*.

Passemos, portanto, ao possessivo. A este respeito, parecem-nos possíveis três leituras. Em virtude da importância temática do imperador no poema, seria de esperar que

[13] Nota do tradutor LG: considerando-se que, em português, inexiste o pronome "on" da língua francesa – em respeito especialmente à discussão semântica proposta por este artigo –, optamos por traduzi-lo pela primeira pessoa do plural (nós) em todas as ocorrências.

[14] Nota do tradutor LG: pelo mesmo motivo apontado na nota 13, em vez do pronome "(fr.) sa"/ "(pt). sua" – que concorda com o pronome sujeito "on" –, empregamos o possessivo "nossa" – que concorda com o pronome sujeito "nous".

o adjetivo possessivo *nossa* se referisse à conquista alcançada por Napoleão. Com base nesta leitura, seríamos *derrotados* pela escolha do imperador de partir à conquista: por causa de *nossa* sede de conquista. Entretanto, não aceitaremos esta interpretação.

Uma segunda maneira de explicar o possessivo *nossa* seria, seguindo as ferramentas fornecidas por Berrendonner e Reichler-Béguelin no seu artigo « Décalages : les niveaux de l'analyse linguistique » (1989), de se perguntar este *nossa* não "apontaria" para algo que já foi introduzido e que, portanto, está disponível no nível da memória discursiva. O elemento em questão estaria, aqui, *Estava nevando*; portanto, por extensão, a *neve*. O paradoxo seria, então, parafraseado da seguinte forma: "Conquistamos a neve, portanto fomos derrotados". Esta segunda leitura aproxima-se daquilo que defendemos. Contudo, não é o fenômeno do *apontamento* (que é feito graças ao recurso da memória discursiva) que nos interessa aqui. O que desejamos descrever é o processo de desparadoxalização; um processo que vai muito além do primeiro verso e que se estende – agrupando-os – por um grande número de peças textuais. Suponhamos, portanto, que a conquista a que se refere o pronome adjetivo *nossa* é a conquista da *Rússia*: se são derrotados é porque foram à *nossa conquista*. Do ponto de vista da referenciação, na expressão nominal *nossa conquista*, o possessivo indica que não se trata de conceito (*qualquer conquista*), mas de uma ocorrência[15]; e que esta ocorrência estará associada a um acontecimento específico: a conquista *da Rússia*. Por outro lado, a partir do momento em que trabalhamos em linguística textual, esta ocorrência e este evento têm, no âmbito do nosso estudo, uma natureza puramente textual. Seguindo a tradição culioliana[16], na nossa abordagem o que acontece, acontece no texto e através das palavras; e a ocorrência que descrevemos é aquela construída textualmente por Hugo. É, portanto, no texto que agora procuraremos os seus vestígios.

Um primeiro traço provém do fato de que *nossa* é, em realidade, catafórica, e de que as palavras *Moscou* (v. 4) e *czar* (v. 30), que aparecem mais tarde no texto, evocam claramente a palavra *Rússia*.

Depois, há *Estava nevando*, cujo papel textual descreveremos em breve.

Vamos, portanto, substituir *Fomos derrotados pela nossa conquista* por: "Fomos derrotados pela conquista da Rússia." Argumentativamente, este segundo enunciado redefine o paradoxo da seguinte forma: "Tínhamos conquistado a Rússia, portanto fomos derrotados". O encadeamento a que chegamos agora concretiza o esquema: CONQUISTAR A RÚSSIA DC SER DERROTADO. É suficiente para nos fazer compreender o sentido do paradoxo? Ainda não, porque ainda faltam algumas etapas para retraçar; mas o fato de ter encontrado este esquema CONQUISTAR A RÚSSIA DC SER DERROTADO nos aproxima

[15] Cf. Lebas-Fraczak L. et Lebas F., « Les articles en français comme opérateurs énonciatifs de la référenciation », Cahiers *du LRL* (2007), 71-83.
[16] Culioli A., *Notes du séminaire de D.E.A.* – 1983-1984, Université de Poitiers, 1985, p. 82.

da solução.

O esquema CONQUISTAR A RÚSSIA DC SER DERROTADO expressa, graças à presença do segmento "CONQUISTAR A RÚSSIA", uma ideia central do poema, que notaremos conforme o traço: /tendo ido longe/. *Ir* é, aliás, muito hugoliano: temos, aqui, um verbo caro ao poeta, um verdadeiro *topos* de sua produção poética. No poema *Ó soldados do ano II*!... – um outro poema muito grande da coleção *Les Châtiments* – encontramos, por exemplo (v. 11): [...] *eles foram, sua alma sem medo*; mas também (v. 17): *Eles foram orgulhosos, alegres e tocando instrumentos de metal*; ou ainda (vv. 27-30): *Íamos! para a frente*!/ *E um ofereceu a paz, e o outro abriu as portas*,/ *E os tronos, rolando como folhas mortas*,/ *Espalhados ao vento*!

Em todos estes casos, *ir* deve ser interpretado como *lutar*[17]. No verso 53 da segunda estrofe de *L'Expiation*, lemos também (sobre os soldados que compunham a Guarda Imperial): *Eles foram, arma ao braço, testa alta, sérios, estóicos*.

Os soldados da Grande Armada – agora fugindo diante dos nossos olhos como leitores – deveriam ser os herdeiros destes lutadores pela liberdade celebrados no poema *Ó soldados do ano II*!... Agora, sejam na realidade ou não, eles também lutaram . Eles também *foram*; eles até mesmo *foram muito longe*. Chegaram, como já sublinhamos, até Moscou. Em CONQUISTAR A RÚSSIA DC SER DERROTADO, o segmento "CONQUISTAR A RÚSSIA" expressa bem essa ideia, esse traço: /ter ido longe/.

Mas não devemos esquecer que o primeiro verso apresenta *Estava nevando* que também encontramos nos versos 5 e 10; e duas vezes no verso 18. Não esqueçamos: o primeiro verso recita: *Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista*. Como podemos, agora, explicar a sua presença no primeiro verso e o seu papel textual depois disso? Ao longo dos versos, a repetição de *Estava nevando* deixa claro que esses soldados foram longe *demais* – transforma, portanto, /ter ido longe/ em: /ter ido longe demais/.

Estamos nos aproximando da conclusão. Um último elemento está faltando em nossa análise. *Estava nevando* deixa claro que, ao irem, esses soldados foram longe *demais*; e assim que estes homens se dirigiram em direção a Moscou, a capital dos czares e do seu imenso império, dirigiram-se para o norte. Mas aqui, mais uma vez, não ouvimos mais: /fomos para o norte/; terminamos por compreender apenas: /tendo ido muito para o norte/. Vamos ler os versos 26-30: **26** *O céu feito de neve espessa*/ **27** *Para este imenso exército uma imensa mortalha.*/ **28** *E cada um sentindo que estava morrendo, estávamos sozinhos.*/ **29** - *Será que algum dia sairemos deste desastroso império*?/**30** *Dois inimigos! O czar, o norte. O norte é pior*.

Esses homens não morrem mais em batalha: morrem de frio. Eles pararam de lutar;

[17] Cf., nessa perspectiva, Carel M., « Des soldats de l'an II aux soldats de l'an XV : une analyse argumentative du mot *guerre* » [Publicado em tradução espanhola], *Topicos del Seminario*, 35 (2015), 23-50.

já não *vão*, porque avançaram demais: agora só lhes resta *regressar* (v. 3), deixando Moscou para trás (v. 4). Só que para eles, tendo ido tão longe, esse retorno só pode ser feito *lentamente* (v. 3). E, se o primeiro inimigo – o czar – desapareceu, o segundo – *o norte*, que é *o pior dos dois* (v. 30) – aparece agora.

As palavras *Rússia*, evocada implicitamente no texto pelas palavras *Moscou* e *czar,* e a própria *Moscou* evocam o traço /frio/. *Estava nevando*, por sua vez, transforma /ter ido longe/ em /ter ido longe demais/ e /ter ido para o norte/ em /ter ido demais para o norte/.

Em suma, compreender *fomos derrotados pela nossa conquista* é, portanto, associar *tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*, não com o aspecto paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO, mas com o esquema: FRIO DC ESTAR REDUZIDO.

## h) Que tipo de relação existe entre o paradoxo e sua desparadoxalização?

Uma vez associados *tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*, não ao aspecto paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO, mas ao esquema doxal FRIO DC ESTAR REDUZIDO, o paradoxo *fomos derrotados pela nossa conquista* é desparadoxalizado e sua compreensão está, neste momento, completa.

Dito isto, inclusive após a sua desparadoxização, o paradoxo (*tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*) não desaparece. Aqui, temos um ponto extremamente interessante e significativo. No primeiro verso, afirmamos, de fato, não só o paradoxo, mas também que *estava nevando* – donde o lançamento do processo de desparadoxalização. Uma vez encontrado o esquema doxal FRIO DC ESTAR REDUZIDO, o paradoxo é finalmente desparadoxalizado: a compreensão – que é sempre doxal – é estabelecida. Mas, para chegar aí, tivemos de passar pelo encadeamento *tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*; e, mais importante ainda, nesse nível, o sentido paradoxal permanece – e permanece na memória – inclusive depois da desparadoxização.

Alguns esclarecimentos sobre o estatuto da desparadoxalização no processo de reconhecimento do paradoxo. Essa é uma operação essencial ou não para o surgimento do paradoxo? Essa é uma operação posterior ou anterior ao reconhecimento do paradoxo?

Comecemos por dizer que a desparadoxalização é essencial para a compreensão do paradoxo. O que tentamos mostrar é que a compreensão é sempre doxal: compreender um paradoxo significa proceder à sua desparadoxalização – um processo que só tem sucesso quando terminamos por identificar esses traços semânticos doxais que especificam o sentido do paradoxo. O próprio paradoxo permanece um enigma até que tenhamos reconstruído os elementos do seu sentido.

Textualmente, o principal papel do paradoxo é lançar o esforço de

desparadoxalização, um esforço que produz uma reconstituição *em texto* de peças textuais que, de outra forma, estariam dispersas. O paradoxo exige, portanto, ser desparadoxalizado e fornece as indicações necessárias à sua compreensão.

Em conclusão, por um lado, o processo contextual de desparadoxalização é posterior ao reconhecimento linguístico do paradoxo (o paradoxo já existe linguisticamente – isto é, ao nível do conteúdo semântico das palavras utilizadas –; entretanto, é sempre o contexto no qual ele aparece que nos indica em que sentido o paradoxo deve ser entendido); por outro, em termos de resultado, a compreensão do paradoxo coincide, no final do processo de desparadoxalização, com a reconstituição unitária (num "todo" textual – no sentido de *tecido*: *tecido junto*) de numerosos excertos textuais de outra forma espalhados.

Com efeito, mesmo depois da total desparadoxalização do paradoxo – e apesar de terminarmos por compreender: "Fomos derrotados pelo frio" –, em nenhum momento o leitor diz, para si mesmo, "ah sim, droga! Enganei-me: afinal, *tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*, não era paradoxal...". A razão é que, seja no nosso caminho de leitura, seja no nosso caminho de compreensão, somos sempre obrigados a percorrer o encadeamento *tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados*; que nunca perde seu caráter paradoxal.

Surge, entretanto, uma questão em relação à banalidade do sentido doxal: a desparadoxalização conduz a um sentido que, pela sua doxalidade, resulta – é inegável – bastante redutor. Para onde vai a complexidade do texto poético e sua riqueza? A extraordinária espessura da obra não se perde; pelo contrário, desdobra-se nas diferentes etapas do processo. São todas as nuances do sentido que a desparadoxalização evoca antes de o paradoxo ser resolvido que constituem a polissemia do texto. Não se trata, por desparadoxalização, de reduzir a densidade semântica do poema no sentido doxal; o objetivo da nossa descrição do processo de desparadoxalização é o de mostrar a trama textual, portanto a maneira pela qual o texto é tecido.

Se compreender um paradoxo significa desparadoxá-lo, está agora claro que desparadoxalizar um paradoxo também significa ver como outros elementos textuais interagem com o encadeamento paradoxal. Quanto a isso, a compreensão de um paradoxo – resultado do processo de desparadoxalização – permite-nos compreender um novo sentido (no nosso caso, *fomos derrotados pelo frio*); e este novo sentido não é o sentido já expresso pelo encadeamento paradoxal.

Do ponto de vista textual, o processo de desparadoxalização permite, portanto, compreender o sentido global de um conjunto de enunciados – de versos, no caso, como aqui, de um poema. Dado que a desparadoxalização consiste em relacionar o enunciado no qual o paradoxo se encontra com um número (mais ou menos grande) de enunciados e/ou palavras posteriores ou anteriores, segue-se que o processo de desparadoxalização é

também uma ferramenta fantástica de coesão: vários elementos do texto formam um todo (também) graças aos elos que apoiam esse processo.

Um esclarecimento final sobre o papel coesivo do processo de desparadoxalização. A coesão textual alcançada pelo processo de desparadoxalização não diz respeito apenas a elementos sintáticos ou semânticos; ela também considera elementos temáticos. No poema de Hugo, a desparadoxalização do paradoxal *Fomos derrotados pela nossa conquista* justifica e reúne, no mesmo movimento, dois dos grandes temas do poema: o do imperador e o dos seus homens. Na verdade, agora relendo o poema, rapidamente percebemos que o sentido doxal *fomos derrotados pelo frio* se aplica aos soldados em fuga ; isso, de forma alguma, explica o destino do imperador. Napoleão não está com frio; ele está derrotado. Ele foi longe demais, portanto ele também, como seus soldados, é obrigado a voltar. Ouvimos novamente: "Fomos longe demais, portanto devemos voltar atrás", que foi uma das etapas intermediárias do processo de compreensão que descrevemos neste trabalho). Ele é derrotado, mas o esquema doxal FRIO DC ESTAR REDUZIDO não o descreve. Ele permanece ali, de pé, olhando para estas legiões (v. 48) que, diante dele, *na neve semeada* (v. 65), morrem de frio. Mas as suas legiões estão à sua *frente*: ele não está entre elas, porque não partilha – pelo menos neste aspecto – o mesmo destino.

Ao contrário dos seus soldados, Napoleão não foi enfraquecido pelo frio; ele está derrotado e preocupado. Ele se pergunta sobre seu destino, que diz respeito apenas à derrota e não ao frio e à morte que o acompanha. "Eu fui longe demais?": é isso que ele pede ao Deus dos exércitos (v. 66). Napoleão sabe que está expiando e aguarda seu castigo; mas descobriremos que este castigo não é uma derrota (v. 68) – uma derrota que, no entanto, apresenta-se diante dos seus olhos; ali, na neve (v. 65). Ele não foi *muito para o norte* – esse destino não o preocupa. Ele, por outro lado, levou seus homens para lá. Estes homens para quem, agora, a neve é uma *imensa mortalha* (vv. 26-27).

Um esclarecimento: nada impede que, em outra parte deste longo poema, Napoleão também seja descrito como sendo (ou tendo sido) um conquistador. Qualquer poema veicula sempre vários sentidos e vários conteúdos ao mesmo tempo. Mas o que queremos sublinhar é que o primeiro verso, o verso que lança este processo de desparadoxalização que está no centro do nosso discurso, – *Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista* –, expressando pela combinação das duas proposições a unidade de sentido de que *fomos derrotados pelo frio*, só se aplica aos soldados. Não foi Napoleão quem conquistou *a Rússia* no sentido de "toda aquela neve": os seus homens conquistaram-na. Os soldados venceram este imenso frio do qual, agora, estão morrendo. Daí a nossa interpretação do pronome *on*: "Tinha-se conquistado toda essa neve" em *nós*: "Tínhamos conquistado toda essa neve".

## i) Paradoxo e doxa

Um último ponto ainda precisa ser discutido. Na introdução, afirmamos que, longe de ser algo subversivo, o paradoxo se mostraria, ao final deste trabalho, para o que é, em realidade: um prolongamento da doxa. Temos agora todos os elementos para finalmente compreender de que forma e como o paradoxo é um prolongamento da doxa. Vamos relembrar o quadrado de inversão:

**Quadrado de inversão**

| | | |
|---|---|---|
| CONQUISTAR DC SER DERROTADO | | CONQUISTAR DC SER DERROTADO |
| **Inversos** | Conversos | **Inversos** |
| CONQUISTAR PT SER DERROTADO | | CONQUISTAR PT NEG SER DERROTADO |

O aspecto paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO está em relação gradual com o aspecto doxal CONQUISTAR PT SER DERROTADO. O conflito ocorre entre o doxal transgressivo CONQUISTAR PT SER DERROTADO e o normativo paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO (lembre-se, "transgressivo" refere-se à conjunção *no entanto* e "normativo", à conjunção *portanto*). Notaremos, nesse sentido, a banalidade do movimento gradual (sublinhado, aqui, apenas pelo uso de *e*) que passa de CONQUISTAR PT SER DERROTADO para CONQUISTAR DC SER DERROTADO: "Ele inclusive perderá e, principalmente, se conquistar a Rússia" e a dificuldade do contrário: "Ele principalmente perderá e, inclusive, se conquistar a Rússia". (Lembre-se de que *mesmo se/ inclusive se* introduz uma argumentção transgressiva, enquanto que *principalmente se* introduz uma argumentação normativa.)

Em conclusão, o paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO está em relação gradual de inversão com o doxal CONQUISTAR PT SER DERROTADO. Certamente o paradoxal CONQUISTAR DC SER DERROTADO está em oposição com o doxal CONQUISTAR DC NEG SER DERROTADO que, no quadrado, aparece na mesma linha. Mas também está numa relação gradual com o doxal CONQUISTAR PT SER DERROTADO que, no quadrado, aparece na mesma coluna. O paradoxo não é, portanto, simplesmente o oposto da doxa: o paradoxo é um prolongamento da doxa.

A desparadoxalização, por sua vez, não é uma eliminação da subversão, mas simplesmente um retorno ao inteligível: àquilo que pode ser expresso por palavras isoladas, e não pela sua combinação; ou ainda, para usar os termos de Benveniste, um retorno à ordem semiótica.

## j) As consequências textuais do paradoxo. Novamente

Dissemos: linguisticamente, o paradoxo é coesivo na medida em que exige – em vista de sua compreensão – proceder à sua desparadoxalização: compreender um paradoxo é, em última instância, associar o encadeamento paradoxal a um esquema lexicalizado. Ora, o que é interessante é que, para podermos fazê-lo, é necessário ter em conta todo um conjunto de elementos textuais que uma análise puramente temática consideraria como anedóticos – ou seja, pouco salientes – ou mesmo completamente separados uns dos outros. No entanto, do ponto de vista linguístico, estes elementos formam, de fato, um todo, na medida em que são todos essenciais para a desparadoxalização do paradoxo. Ver as relações linguísticas que estes elementos (que, por vezes, parecem narrativamente secundários) mantêm entre si é fundamental se quisermos aceder ao texto: apreender a sua estrutura. No fundo, o que a nossa análise nos permite descobrir é que compreender um paradoxo – isto é, proceder à sua desparadoxalização – permite-nos ver os elos que fazem de um texto um texto, e não uma série aleatória ou desordenada de detalhes banalmente descritivos.

Voltemos ao primeiro verso: "Estava nevando. Fomos derrotados pela nossa conquista." Durante nossa análise, afirmamos que, em relação à interpretação do possessivo *nossa*, Berrendonner certamente poderia sugerir que *nossa* apontaria, no poema, para um objeto de discurso – a neve – que já foi introduzido na memória discursiva do leitor com "Estava nevando". Naquele momento, reconhecemos que essa interpretação – que seria da ordem "Tínhamos conquistado a neve, portanto fomos derrotados" – é próxima, em termos de consequências semânticas, da nossa: também nós, vemos um esquema do tipo FRIO DC REDUZIDO como o elemento capaz de nos permitir finalmente desparadoxalizar o paradoxo.

Supomos que um linguista como Charolles teria dificuldade em aceitar essa leitura. A esse respeito, mais gramaticalmente do que Berrendonner, alguém como Charolles provavelmente contestaria que, na ausência de um pronome, *Estava nevando* como um simples "objeto de discurso" não seria suficiente para garantir que *nossa* pudesse ser entendido como referindo-se, anaforicamente, à neve.

De nossa parte, não é esta a razão que nos obriga a recusar a leitura "Tínhamos conquistado a neve, portanto fomos derrotados". Estamos, de fato, convencidos – com Berrendonner – de que as ligações anafóricas e possíveis apontamentos não são feitos apenas por intermédio de pronomes. Sem negar as ligações que se fazem pela gramática, defendemos também a ideia de que muitas ligações anafóricas são construídas no nível lexical: o fenômeno de apontamento não tem como único objeto um possível grupo nominal ao qual um pronome se refere. Para entender melhor essa ideia, comparemos dois

exemplos inspirados em Carel e Ducrot: a) “Vieram amigos. Eles trouxeram chocolate” e b) “Vieram amigos. Amigos trouxeram chocolate.”

No exemplo b) o duplo emprego da expressão indefinida presta-se à confusão: os amigos referidos na segunda frase (no sentido gramatical) de b), aqueles que trouxeram chocolate poderiam ser outros amigos além daqueles que vieram (apenas um esclarecimento: quando dizemos “os amigos referidos na segunda frase (no sentido gramatical) de b), aqueles que trouxeram chocolate poderiam ser outros amigos além daqueles que vieram” não estamos fazendo uma observação de natureza referencialista, mas textual – o que nos interessa é compreender o que falamos e não encontrar o ser do mundo).

No exemplo a), por outro lado, podemos observar que o pronome *eles* não se refere, única e simplesmente, ao grupo nominal *os amigos*, mas *amigos vieram* como um todo. Há também o verbo *vir* que traz sua significação – e com isso ajuda a definir o sentido expresso: é porque *vieram* – porque estavam *de visita* – que trouxeram chocolate. O apontamento e, portanto, o vínculo anafórico também se fazem pelas relações lexicais que as palavras estabelecem e mantêm.

Mas, para além disso, o que nos diferencia claramente de Berrendonner é, por um lado, a forma como /frio/ aparece – não partilhamos nem a sua noção de “memória discursiva” nem a sua definição de “objeto de discurso” –; por outro, a maneira com que /frio/ resolve o paradoxo. O que devemos compreender claramente é que, de fato, no poema, o processo de desparadoxalização do paradoxo “Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados” não deve dar conta apenas do elemento /frio/, isto é, do esquema FRIO DC REDUZIDO; deve também ajudar a explicar por que o imperador, embora derrotado, não sentiu – ao contrário dos seus soldados – frio.

Aqui, chegamos ao cerne da nossa análise e da nossa abordagem: a importância de identificar o papel coesivo do processo de desparadoxalização. Com efeito, se é possível uma leitura não paradoxal do tipo “Tínhamos conquistado a neve, portanto fomos derrotados” (baseada num *nossa* anafórico referente à neve), só o é fora do poema, porque, no interior do texto, não se trata apenas de compreender o paradoxo – isto é, de encontrar esse esquema lexicalizado que associaremos ao encadeamento paradoxal "tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados" –, mas também de dar conta das relações que os versos dedicados aos soldados mantêm com os versos nos quais Napoleão está em questão. E isso seria impossível fora desse percurso hermenêutico que o processo de desparadoxalização instaura.

Sigamos as diferentes etapas. No poema, a repetição de *Estava nevando* tem como resultado, entre outras coisas, fazer entender que esses soldados que um dia *foram* agora devem retornar – e sabemos no meio de que tribulações ocorre essa retirada – porque eles

*foram longe demais*. No interior deste longo processo coesivo que é a desparadoxalização, em relação ao destino dos soldados, a repetição de *Estava nevando* visa a fazer compreender que a Grande Armada, *ao ir*, *foi* primeiro *longe*, depois *longe demais*, e para especificar que ela *foi demais ao norte*. Tendo em conta o destino dos soldados, e em interação com as palavras *Moscou*, *czar* e *norte*, a repetição de *Estava nevando* traz à tona este traço /ter ido demasiado para norte/ que, sempre no quadro do processo de desparadoxização, faz com que nos deparemos com o diagrama FRIO DC REDUZIDO que associaremos ao encadeamento paradoxal "Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados" a fim de compreendê-lo.

Mas, para isso, a desparadoxalização exige que ultrapassemos o traço /tendo ido longe demais/. Contudo, este traço – /ter ido longe demais/ – está disponível no momento em que o leitor, uma vez compreendendo que Napoleão – ao contrário dos seus soldados – não está enfraquecido pelo frio, deve explicar por que o imperador é, entretanto, *derrotado*. Napoleão também é *derrotado pela nossa conquista*; exceto que não foi a neve, o frio, que ele conquistou. Ele também *foi longe demais*, como seus soldados – mas não *demais ao norte*: o imperador é derrotado e expia, porque *foi longe demais* devido às suas decisões durante os acontecimentos de 18 de Brumário. Seus homens foram demais ao norte; ele foi longe demais. Todos foram derrotados, de uma forma ou de outra. Todos derrotados pela sua conquista, todos definidos pelo paradoxo: "Tínhamos conquistado, portanto fomos derrotados".

Em conclusão, no nível da língua, o paradoxo exige ser compreendido e, portanto, desparadoxalizado. O leitor é, assim, obrigado a acompanhar o processo de desparadoxalização – e a ver, através dele, o texto aparecer. Não entender o encadeamento paradoxal seria não entrar no texto: não ver, nos versos de *L'Expiation*, o texto do qual fazem parte. Em última análise, isso seria fracassar sua unidade. Se o traço /neve/ aparecesse por um simples fenômeno de apontamento rumo à memória discursiva e um de seus "objetos de discurso" (como sustentaria alguém que segue as ideias de Berrendonner), perderíamos esse processo de desparadoxalização que é – enquanto um processo, não o paradoxo em si – a verdadeira ferramenta coesiva. Compreender o paradoxo é lançar o esforço de desparadoxalização. Temos, aqui, a única maneira de perceber com clareza esta unidade que é o texto.

## Anexo

**Victor Hugo**

***L'Expiation***

**1** Il neigeait. On était vaincu par sa conquête.
**2** Pour la première fois l'aigle baissait la tête.
**3** Sombres jours ! l'empereur revenait lentement,
**4** Laissant derrière lui brûler Moscou fumant.
**5** Il neigeait. L'âpre hiver fondait en avalanche.
**6** Après la plaine blanche une autre plaine blanche.
**7** On ne connaissait plus les chefs ni le drapeau.
**8** Hier la grande armée, et maintenant troupeau.
**9** On ne distinguait plus les ailes ni le centre.
**10** Il neigeait. Les blessés s'abritaient dans le ventre
**11** Des chevaux morts ; au seuil des bivouacs désolés
**12** On voyait des clairons à leur poste gelés,
**13** Restés debout, en selle et muets, blancs de givre,
**14** Collant leur bouche en pierre aux trompettes de cuivre.
**15** Boulets, mitraille, obus, mêlés aux flocons blancs,
**16** Pleuvaient ; les grenadiers, surpris d'être tremblants,
**17** Marchaient pensifs, la glace à leur moustache grise.
**18** Il neigeait, il neigeait toujours ! La froide bise
**19** Sifflait ; sur le verglas, dans des lieux inconnus,
**20** On n'avait pas de pain et l'on allait pieds nus.
**21** Ce n'étaient plus des cœurs vivants, des gens de guerre :
**22** C'était un rêve errant dans la brume, un mystère,
**23** Une procession d'ombres sous le ciel noir.
**24** La solitude vaste, épouvantable à voir,
**25** Partout apparaissait, muette vengeresse.
**26** Le ciel faisait sans bruit avec la neige épaisse
**27** Pour cette immense armée un immense linceul.
**28** Et chacun se sentant mourir, on était seul.
**29** - Sortira-t-on jamais de ce funeste empire ?
**30** - Deux ennemis ! le czar, le nord. Le nord est pire.
**31** On jetait les canons pour brûler les affûts.
**32** Qui se couchait, mourait. Groupe morne et confus,
**33** Ils fuyaient ; le désert dévorait le cortège.
**34** On pouvait, à des plis qui soulevaient la neige,
**35** Voir que des régiments s'étaient endormis là.
**36** Ô chutes d'Annibal ! lendemains d'Attila !
**37** Fuyards, blessés, mourants, caissons, brancards, civières,
**38** On s'écrasait aux ponts pour passer les rivières,
**39** On s'endormait dix mille, on se réveillait cent.
**40** Ney, que suivait naguère une armée, à présent
**41** S'évadait, disputant sa montre à trois cosaques.
**42** Toutes les nuits, qui vive ! alerte, assauts ! attaques !
**43** Ces fantômes prenaient leur fusil, et sur eux

**44** Ils voyaient se ruer, effrayants, ténébreux,
**45** Avec des cris pareils aux voix des vautours chauves,
**46** D'horribles escadrons, tourbillons d'hommes fauves.
**47** Toute une armée ainsi dans la nuit se perdait.
**48** L'empereur était là, debout, qui regardait.
**49** Il était comme un arbre en proie à la cognée.
**50** Sur ce géant, grandeur jusqu'alors épargnée,
**51** Le malheur, bûcheron sinistre, était monté ;
**52** Et lui, chêne vivant, par la hache insulté,
**53** Tressaillant sous le spectre aux lugubres revanches,
**54** Il regardait tomber autour de lui ses branches.
**55** Chefs, soldats, tous mouraient. Chacun avait son tour.
**56** Tandis qu'environnant sa tente avec amour,
**57** Voyant son ombre aller et venir sur la toile,
**58** Ceux qui restaient, croyant toujours à son étoile,
**59** Accusaient le destin de lèse-majesté,
**60** Lui se sentit soudain dans l'âme épouvanté.
**61** Stupéfait du désastre et ne sachant que croire,
**62** L'empereur se tourna vers Dieu ; l'homme de gloire
**63** Trembla ; Napoléon comprit qu'il expiait
**64** Quelque chose peut-être, et, livide, inquiet,
**65** Devant ses légions sur la neige semées :
**66** « Est-ce le châtiment, dit-il. Dieu des armées ? »
**67** « Alors il s'entendit appeler par son nom
**68** Et quelqu'un qui parlait dans l'ombre lui dit : Non.

## Le procédé de déparadoxalisation comme phénomène cohésif


### *Resumé*

*Cet article suit, aussi bien dans son contenu que dans sa forme, l'analyse présentée – sous le titre Relier par un paradoxe – lors du 8ème Congrès Mondial de Linguistique Française (Orléans, 4-8 juillet 2022). L'intention qui animait ce travail, qui est devenu ensuite un chapitre important de notre thèse de doctorat, était double : d'une part, c'était de montrer que le procédé de déparadoxalisation est cohésif en cela qu'il impose – afin de comprendre linguistiquement le paradoxe – de réunir en un tout plusieurs éléments textuels autrement séparés ; de l'autre, il s'agissait de prouver que le paradoxe, loin d'etre quelque chose qui s'oppose à la doxa, est en réalité un prolongement de celle-ci. Dans l'analyse du texte que vous trouverez dans ce travail, aucun détail n'a été modifié. Par contre, l'article que nous présentons ici nous donne l'occasion de revenir de façon plus précise sur un des enjeux majeurs de notre réflexion : les conséquences textuelles du paradoxe (et, du coup, du procédé de déparadoxalisation). Vous trouverez cette nouvelle partie à la fin de cet article* ***(I) Les conséquences textuelles du paradoxe. À nouveau).*** *Mais, pour l'instant, laissons tout d'abord parler l'analyse.*



*Mots-clés: Paradoxe. Déparadoxalisation. Cohésion*


## Referências


ALEXANDRESCU, V. (1997). *Le paradoxe chez Blaise Pascal*. Bern : Peter Lang.

ANSCOMBRE, J.-C. et DUCROT, O. (1978). Echelles argumentatives, échelles implicatives, et lois de discours. *Semantikos*, 2, n° 2-3, 43-66.

ANSCOMBRE, J.-C. et DUCROT, O. (1983). *L'Argumentation dans la langue*. Bruxelles : Mardaga

BERRENDONNER, A. et REICHLER-BEGUELIN, M-J. (1989). Décalages : les niveaux de l'analyse linguistique. Langue française, 81, 99-125.

CACCIARI, M. (1990). *Dell'Inizio*. Milano : Adelphi.

CAREL, M. et DUCROT, O. (1999). Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. *Langue française*, 123, 6-26.

CAREL, M. (1992). *Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue*. Thèse de doctorat de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

CAREL, M. (2011). *L'Entrelacement argumentatif. Lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris : Honoré Champion.

CAREL, M. (2018). *Présupposition et organisation du sens*, dans BIGLARI, A. et BONHOMME, M. (éds), *La Présupposition entre théorisation et mise en discours*. Paris : Classiques Garnier, 263-287.

CORMINBOEUF, G. (2015). Le paradoxe comme stratégie raisonnable. *Pratiques* [En ligne], 165-166.

CULIOLI, A. (1985). *Notes du séminaire de D.E.A.* – 1983-1984, Université de Poitiers.

DANDREY, P. (1997). *L'éloge paradoxal de Gorgias à Molière*. Paris : Presses universitaires de France.

DUCROT, O. (2016). Présentation de la théorie des blocs sémantiques. VERBUM, Tome XXXVIII, N°1-2, 53- 65.

DUCROT, O. (2006). *La sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure ?*, dans de SAUSSURE, L. (éd.) *Nouveaux regards sur Saussure.* Genève : Droz, pp. 153-171.

FONTANIER, P. (2009, dernière réimpression). *Les figures du discours*. Paris : Flammarion.

GALLARD, P.-Y. (2015). Du paradoxe au style paradoxal : l'exemple des *Caractères* de La Bruyère. *Pratiques* [En ligne], 165-166.

GREIMAS, A. J. (1966). *Sémantique structurale : recherche de méthode*. Paris : Larousse.

GRICE, P. (1969). Utterer's Meaning and Intention. *The Philosophical Review* n° 78, 147-77.

GRICE, P. (1975) *Logic and Conversation*, dans COLE, P. et MORGAN, J. (éds), *Syntax and Semantics*, vol 3. New York : Academic Press.

LEBAS-FRACZAK L., LEBAS F. (2007). Les articles en français comme opérateurs énonciatifs de la référenciation. *Cahiers du LRL*, pp.71-83.

MORIER, H. (1998, 5ème éd.). *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*. Paris : PUF.

PERELMAN, C. et Olbrechts-Tyteca, L. (1958). *Traité de l'argumentation : la nouvelle rhétorique*, (2 vols.). Paris : PUF.

RASTIER, F. (1996). *Chamfort : le sens du paradoxe*, dans : LANDHEER, R. et SMITH, P. J. (éds), *Le Paradoxe en linguistique et en literature*. Genève : Droz, 117-147.

RASTIER, F. (2009, 3ème éd.). *Sémantique interprétative*. Paris : PUF.

SEVERINO, E. (1958). *La struttura originaria*. Brescia : La Scuola.

SEVERINO, E. (2005). *Fondamento della contraddizione*. Milano : Adelphi.

SPERBER, D. et WILSON, D. (1989). *La Pertinence. Communication et cognition*. Paris : Éd. de Minuit.

SPERBER, D. et WILSON, D. (2004). *Relevance Theory*, dans HORN, L.R. et WARD, G. (éds.), *The Handbook of Pragmatics*. Oxford : Blackwell, 607-632.